

OLHARES SOBRE A LOUCURA E A PSIQUIATRIA: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES (BRASIL, 1980-2011)YONISSA MARMITT WADI¹**1. O Campo Brasileiro**

Os estudos denominados *história da loucura e da psiquiatria* constituem² um campo relativamente novo, mas em processo de ampliação e consolidação no cenário da disciplina histórica, particularmente no Brasil.

Tais estudos podem ser inseridos no campo mais amplo da “história das ciências”, ou específico da “história das ciências da saúde”, ou ainda, da “história da saúde e da doença”, e têm sido configurados a partir dos diálogos teórico-metodológicos, mais frequentes, com a obra de Michel Foucault, e com os aportes da história social e da história cultural.

Carece-se, no entanto, de uma reflexão mais organizada e mais aprofundada sobre o estado da arte deste campo, sobre os caminhos já trilhados, visualizando-se aqueles que podem ser percorridos, bem como sobre o lugar ocupado pelos historiadores dentro dele.

Há, pelo menos, dois grandes grupos produtores de *história da loucura e da psiquiatria* no Brasil: um que congrega profissionais ligados às chamadas ciências “*psi*” (parte nas Ciências da Saúde e parte nas Ciências Humanas), com ênfase na produção oriunda da própria medicina psiquiátrica, mas também, da enfermagem, da psicologia e da psicanálise; e outro que congrega profissionais das Ciências Humanas, como historiadores, antropólogos, sociólogos, educadores, entre outros.

Estes grupos, porém, não prescindem de diálogos e trocas, que se estabelecem fundamentalmente através de: 1) periódicos que divulgam a produção oriunda dos dois grupos e que circulam entre eles, como o periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*,

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Doutora em História. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil e da Fundação Araucária de Investigação do Paraná - Brasil. O texto apresenta resultados da pesquisa *História da loucura e da psiquiatria: bibliografia de referência e percursos historiográficos*. yonissamw@uol.com.br

² Estou nomeando como “história da loucura e da psiquiatria” um conjunto de discussões e pesquisas que tendo como tema central a *loucura*, em temporalidades e espacialidades diversas, partindo de perspectivas teóricas e metodológicas, e de áreas do conhecimento também diversas (Ciências da Saúde, Ciências Humanas, etc.), desdobra-se em problemáticas diferenciadas como a da constituição dos próprios conceitos (loucura / doença mental / saúde mental), de sua relação com a configuração da ciência psiquiátrica, da constituição de aparatos e políticas de assistência ou de atenção, dos dispositivos disciplinares, das experiências dos sujeitos, entre tantas outras possíveis. Sobre a configuração desse campo, seus atores, sua importância e as principais tradições historiográficas, ver Huertas (2001).

publicação da Fundação Oswaldo Cruz; 2) eventos, como os *congressos da SBHC* ou os *congressos da SBHM*, nos quais se encontram pesquisadores da área médica, com historiadores, antropólogos, sociólogos, que tem gradativamente ocupado espaço em eventos que outrora eram frequentados, quase que exclusivamente, pelos membros do primeiro grupo.

Por outro lado, na seara (quase) exclusiva dos historiadores, que são os simpósios nacionais da ANPUH, há uma presença constante, ainda que dispersa, em diferentes simpósios temáticos, dos pesquisadores deste campo.

A produção no terreno das Ciências Humanas é oriunda, em grande parte, de cursos de pós-graduação e tinha seu espaço de circulação bastante restrito até recentemente. A relativa novidade do tema – que surgiu como problema de pesquisa, pelo menos no terreno das Ciências Humanas brasileiras, no final da década de 1970, após a disseminação dos estudos de Michel Foucault –, talvez tenha dificultado também a divulgação dos estudos no formato de livros e sua circulação mais ampla.

Atualmente se podem minimizar as dificuldades em localizar e ter acesso a bibliografia de referência neste campo, em razão dos avanços nos instrumentos de pesquisa *online* existentes, ou seja, portais, base de dados, índices e bibliotecas virtuais, como: SCIELO, Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, LILACS, Portal de Periódicos e Banco de Teses da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e Catálogo Coletivo Nacional – CCN, do IBICT.

No caso das dissertações e teses produzidas, o acesso tem se tornado possível, cada vez mais, através da busca direta nos sítios eletrônicos dos programas de pós – graduação (disponibilização obrigatória através da Portaria nº 013, 15/02/2006 – CAPES), do Banco de Teses da CAPES ou da BDTD. Apesar disto, há ausência de uma sistematização mais abrangente da produção sobre a história da loucura e da psiquiatria, difusa e dispersa pelo país. Não há circulação das pesquisas levadas a cabo país afora, particularmente nos programas de pós-graduação, e assim, pesquisadores da região Sul do país não conhecem (ou conhecem pouco) o que é produzido na região Norte do país, por exemplo, e vice-versa.

A exceção talvez ocorra em relação a obras de autores fixados no Sudeste brasileiro, seja porque lá se encontram também alguns centros de excelência formadores e

disseminadores do conhecimento no campo específico, ou a sede de algumas editoras de circulação nacional. Assim, não soa surpreendente que obras que abarcam e discutem aspectos circunscritos de uma experiência, específicos de certas circunstâncias históricas, local e temporalmente delimitadas – como a da criação de uma instituição ou do envolvimento de grupos sociais com esta –, sejam alçadas a obras representativas de uma totalidade histórica.

Minha hipótese é, portanto, que a *história da loucura e da psiquiatria* no Brasil foi instituída como objeto de pesquisa, e ainda segue sendo constituída, em grande parte, a partir de poucas experiências, concentradas nos centros de investigação mais tradicionais por sua antiguidade e méritos científicos, tais como os que têm sede em São Paulo e no Rio de Janeiro.³

Outro patamar analítico poderia ser alcançado se houvesse um maior conhecimento das pesquisas desenvolvidas nas diversas regiões do país (com suas problemáticas, fontes, referenciais e resultados), possibilitando um maior aprofundamento das especificidades e, também, das similitudes dos processos, estabelecendo um cultura historiográfica fundamental para a realização de estudos comparativos e a elaboração de novas problemáticas.

Pode-se afirmar ainda que uma parte significativa da produção tem pouca visibilidade, pois quando chega a ser publicada em periódicos científicos, o é em periódicos de circulação restrita. Muitos deles são distribuídos apenas local ou regionalmente, e não estão disponíveis em sítios eletrônicos, não constam em bibliotecas, bases de dados bibliográficos ou portais virtuais.

Por outro lado, são poucos os periódicos de circulação nacional — na área da História —, cujo recorte explícito diga respeito à problemáticas correlatas a história das ciências, a história das ciências da saúde ou a história da saúde e da doença, podendo-se elencar aqui a revista *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* e a *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*.

³ Um bom exemplo disto é o livro de MACHADO et. al., *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*, cujos argumentos centrais se constroem a partir de uma realidade específica, ainda que a da capital do Império brasileiro. O livro é rico e instigador de novas investigações, mas muitas vezes os argumentos ali presentes são repetidos acriticamente por numerosos investigadores, apesar destes investigarem realidades temporal e localmente distantes e diversas da investigada pelos autores da obra referida.

Em periódicos de referência nacional na área de história, tomando como exemplo a *Revista Brasileira de História*, publicação da ANPUH, eventualmente encontramos textos que podem ser identificados como desta área, podendo-se citar um número dedicado a “Ciência e Sociedade” (*RBH*, São Paulo, v. 1, n.41, 2001).⁴

Uma exceção importante, especialmente em relação à divulgação de artigos e documentos na área mais específica da *história da loucura e da psiquiatria*, é a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, que mantém a seção “História da Psiquiatria”.⁵

Na primeira década deste século XXI, algumas obras coletivas vieram à tona no cenário brasileiro, com objetivos como: 1) apresentar “pesquisas recentes que têm a saúde como tema central” [Chalhoub; Marques; Sampaio; Galvão Sobrinho (orgs.), 2003]; 2) “oferecer ao leitor brasileiro um livro inédito que reunisse trabalhos e autores que instigassem a refletir sobre as relações entre saúde, doença e sociedade na América Latina em perspectiva histórica” [Hochman; Armus (orgs.), 2004]; 3) mostrar ao público uma seleção de textos “que explora as fontes especiais como a literatura, a mídia, os mitos, a construção de novos conceitos e referenciais – da medicina científica à medicina do trabalho – e os limites e possibilidades do uso de registros médicos no estudo da história das doenças” [Nascimento; Carvalho; Marques (orgs.), 2006].

Estas coletâneas têm como mérito principal, para além da própria qualidade editorial e da qualidade dos textos contidos em suas páginas, o de revelarem uma variedade de questões relativas à saúde coletiva, no Brasil especificamente, e na América Latina e Caribe. Isto permite a visualização das peculiaridades nacionais, mas também dos pontos em comum, das mediações entre o nacional e o internacional, da adoção de modelos internacionais, da busca

⁴ No v.1, n.41 da RBH constam os artigos de James Roberto da Silva, “De aspecto quase florido. Fotografias em revistas médicas paulistas”, 1898-1920 e de Luiz Antonio Teixeira, “Da transmissão hídrica à culicidiana: a febre amarela na sociedade de medicina e cirurgia de São Paulo”, porém não nenhum voltado especificamente as problemáticas da história da loucura e da psiquiatria.

⁵ A Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental é publicação oficial da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, cujo eixo temático fica evidente no título, e destina-se preferencialmente a um público composto por médicos, psicólogos, filósofos, psicoterapeutas e interessados em geral, dentre os quais certamente se encontram muitos historiadores que tem contribuído com artigos e documentos na seção história da psiquiatria. Disponível em <http://www.psicopatologiasfundamental.org/?s=15>, acesso em 11/08/2009.

de soluções originais por cada país em relação à percepção e ao tratamento das doenças, na organização das instituições de saúde, no controle sanitário da população, entre outras questões pertinentes.

Entre textos que recuperam variadas dimensões relacionadas à saúde e seus correlatos, encontra-se nestas obras coletivas – que tem em média 12 capítulos –, apenas um ou outro texto que tem como objeto principal algum aspecto relacionado à história da loucura e da psiquiatria.

A pequena presença de textos sobre tal temática em obras coletivas motivou-me recentemente a organizar – em conjunto com outra pesquisadora – o livro *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas* [Wadi; Santos (orgs.), 2010] cujo objetivo principal foi divulgar um conjunto de trabalhos bastante significativos, fruto de produção recente e oriunda, em sua maioria, de pesquisas acadêmicas ainda não publicadas. O livro foi dividido em dois eixos: 1) “Saberes e práticas: medicina, instituições psiquiátricas e direitos” – artigos que redimensionam o estudo sobre o espaço institucional, bem como discutem a prevalência de algumas práticas exercidas sobre os ditos loucos, em determinadas épocas e cidades brasileiras; 2) “Narrativas: literatura, escrituras ordinárias, prontuários e outras narrativas” – trabalhos centrados na análise de diferentes narrativas, oriundas do campo literário, do saber médico, da experiência da internação psiquiátrica, que contribuem para dar novos significados ao entendimento da loucura, em seu aspecto histórico, abrangendo algumas vias de reflexão, bastante contemporâneas no estudo sobre a temática.

Partindo de todas as questões apontadas, desenvolvi a pesquisa da qual apresento alguns resultados neste texto, através da qual foi realizado um amplo levantamento da produção bibliográfica brasileira sobre a *história da loucura e da psiquiatria*, considerando aquela produzida especificamente por historiadores de profissão (formados nas regras da disciplina História), bem como a produzida por autores de outras áreas, que mesmo não inseridos sistematicamente nos fóruns de validação da disciplina histórica, tem contribuído para a construção do referido campo.

Como resultado final da pesquisa tem-se a proposição de organização e publicação de uma obra de referência (guia bibliográfico) sobre a produção brasileira identificada como

história da loucura e da psiquiatria, que possibilite ao leitor reconhecer as temáticas mais desenvolvidas e, sendo assim, as mais carentes de estudos, assinalar as especialidades e as temporalidades mais favorecidas, explicitar lacunas existentes, incentivar a renovação e aprofundamento das pesquisas, instigar novos estudos de cunho historiográfico, entre outras possibilidades.

Considerando tais premissas, apresento na sequência deste trabalho um quadro da produção brasileira de teses e dissertações no campo da *história da loucura e da psiquiatria*, através de dados levantados nos cursos de mestrado e doutorado da área de História (recomendados e reconhecidos pela CAPES) e sistematizados, através do software *Sphinx Léxica*, e comento as características gerais desta produção, indicando alguns de seus itinerários e dos deslocamentos ocorridos. O recorte temporal se inicia na década de 1980 – quando começa a ocorrer a disseminação dos cursos de pós-graduação no Brasil e assim uma produção mais ampla sobre temas diversos, dentre os quais o que se discute aqui – alcançando os primeiros anos deste século XXI.

2. A produção de teses e dissertações: dados gerais

UF DÉC	BA	CE	DF	GO	MT	MG	PB	PR	PE	RJ	RS	SC	SP	TOTAL
1980 - 1989	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
1990 - 1999	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	2	1	5	12
2000 - 2009	3	0	1	0	1	5	2	3	2	15	10	4	9	55
2010 e 2011	0	1	2	1	0	1	0	1	1	8	2	0	3	20
TOTAL	4	1	3	1	1	6	2	4	3	26	14	5	18	88

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 1 - Distribuição considerando a década de produção e a Unidade Federativa

Como se pode observar na Tabela 1, encontramos 88 trabalhos (entre teses e dissertações), produzidas em Programas de Pós-Graduação ⁶ que puderam ser situados na área da *historia da loucura e da psiquiatria*. Alguns dos trabalhos encontrados não tem como questão central a loucura, o saber psiquiátrico, etc., mas ao focar outras questões apresentam importantes discussões sobre esta temática. Pode-se citar, como exemplos, vários trabalhos sobre as Santas Casas de Misericórdia, lugar de acolhimento dos tidos como loucos, durante largo período de nossa história.

Dentre as 26 unidades federativas brasileiras, mais o Distrito Federal, existe produção na área em 13 destas, uma produção que começa a aparecer na década de 1990 (12 trabalhos ou 13,6%, contra apenas 1 trabalho ou 1,13% na década anterior) e cresce no início dos anos 2000 (55 trabalhos ou 62,5%); e, em apenas em dois anos da década que vivemos (2010-2011), já foram produzidos 20 trabalhos ou 22,7% do total encontrado.

Estes números sugerem um interesse crescente pela temática nos últimos anos e várias são as justificativas possíveis para tal interesse, destacando-se a problemática da reforma psiquiátrica, cujas discussões foram muito aferradas no período destacado. Esta discussão começa já no final da década de 1970, mas se consolida no início dos anos 2000 com a promulgação de várias leis locais e da lei nacional de reforma psiquiátrica, além de uma série de portarias que regulam o setor. Há a possibilidade de testar esta hipótese pelos temas das dissertações defendidas na época, especialmente sobre as problemáticas construídas (alguma visualização pelas palavras-chave);

⁶ O primeiro procedimento realizado foi a verificação da listagem de Programas de Pós-Graduação das áreas de interesse, gerada pela Capes – [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior](http://www.capes.gov.br/) – e acessível em seu Portal Eletrônico (<http://www.capes.gov.br/>). Ao acessá-lo localiza-se no *Menu CAPES* (canto esquerdo da página), no item *Avaliação*, o link denominado *Cursos Recomendados e Reconhecidos*, onde se escolheu a opção "por área de avaliação", para acesso aos cursos por *Áreas do Conhecimento*, comumente conhecidas como grandes áreas, acessando-se a grande área denominada *Ciências Humanas*, que é composta por dez subáreas. Acessou-se então a subárea *História (História)*. Este mesmo procedimento foi utilizado para acessar os PPGs de outras áreas do conhecimento investigadas e suas produções, cujas informações não são discutidas neste trabalho.

Há uma maior produção no Rio de Janeiro (especialmente após a criação do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da COC-FIOCRUZ, em 2001), em SP e no RS. Nos demais estados da federação a produção é pequena.

IES	UFBA	UNB	UFG	UFMG	UFU	UFSJ	UFMT	UFPB-JP	UFCG	UFPE	UFR	UFF	UFS	UFRGS	PUC-RS	UNISINOS	UPF	UFSC	UNICAMP	UNES-FR	PUC-SP	UFRJ	FIOCRUZ	UECE	USP	PUC-RJ	UNIOESTE	TOTAL
1980 - 1989	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
1990 - 1999	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	2	0	0	0	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	12
2000 - 2009	3	1	0	1	4	0	1	1	1	2	3	2	1	6	2	1	1	4	2	1	2	1	8	0	4	3	0	55
2010 - 2011	0	2	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	1	0	8	1	1	0	1	20
Total	4	3	1	1	4	1	1	1	1	3	3	4	2	10	2	1	1	5	7	2	4	1	16	1	5	3	1	88

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2 - Distribuição considerando a década de produção e a IES

A tabela 2 mostra que do total de 88 trabalhos encontrados (entre teses e dissertações), as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras com maior produção são: 1º FIOCRUZ; 2º UFRGS; 3º UNICAMP; 4º USP - UFSC; 5º UFBA – UFU – UFF –PUC-SP. A maior produção na Fiocruz deve-se, sem dúvida, ao fato desta instituição contar com um PPG cuja área de concentração é a história das ciências e da saúde, o que não é área ou linha de pesquisa, de nenhum dos outros PPGs onde há produção.

Nas instituições que ocupam o 2º, 3º e 4º lugar, a produção na área deve-se em grande parte a lotação nestas de professores orientadores, ora com trajetória e produção na história das ciências e da saúde, ora com proximidades teóricas com o pensamento de Michel Foucault, ou – mais recentemente – com a história cultural.⁷

⁷ Ver Tabela 3.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

9

Orientador(a)	Década	1980 a 1989	1990 a 1999	2000 a 2009	2010 e 2011	TOTAL
Cristiana Facchinetti (FIOCRUZ)		0	0	3	2	5
Ana Teresa Acatauassú Venâncio (FIOCRUZ)		0	0	2	1	3
Carlos Alberto Cunha Miranda (UFPE)		0	0	2	1	3
Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS)		0	0	3	0	3
Ana Paula Vosne Martins (UFPR)		0	0	2	0	2
André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ)		0	0	1	1	2
Antonio Edmilson Martins Rodrigues (PUC-RJ)		0	0	2	0	2
Benito Bisso Schmidt (UFRGS)		0	0	1	1	2
Celi Regina Jardim Pinto (UFRGS)		0	1	0	1	2
Flavio Coelho Edler (FIOCRUZ)		0	0	0	2	2
Karla Adriana Martins Bessa (UFF)		0	0	2	0	2
Luzia Margareth Rago (UNICAMP)		0	1	1	0	2
Lígia Bellini (UFBA)		0	0	2	0	2
Magali Gouveia Engel (UFF)		0	0	2	0	2
Maria Clara Tomaz Machado (UFU)		0	0	2	0	2
Maria Clementina Pereira Cunha (UNICAMP)		0	2	0	0	2
Maria Odila Leite da Silva Dias (USP/PUC-SP)		0	0	1	1	2
Susana Bleil de Souza (UFRGS)		0	1	1	0	2
Adriano Luiz Duarte (UFSC)		0	0	1	0	1
Alarcon Agra do Ó (UFCG)		0	0	1	0	1
André Luiz Vieira de Campos (UFF)		0	1	0	0	1
Betânia Gonçalves Figueiredo (UFMG)		0	0	1	0	1
Cristina de Cássia Pereira Moraes (UF)		0	0	0	1	1
Denise B. de Sant'anna (PUC-SP)		0	0	1	0	1
Dilene Raimundo do Nascimento (FIOCRUZ)		0	0	0	1	1
Eliane Moura da Silva (UNICAMP)		0	0	1	0	1
Ernesto Aníbal Ruiz (UFSC)		0	0	1	0	1
Euclides Marchi (UFPR)		0	0	1	0	1
Hercília Mara Facuri Coelho (UNESP-Franca)		0	0	1	0	1
Holien Goncalves Bezerra (PUC-SP)		1	0	0	0	1
Ione De Fátima Oliveira (UnB)		0	0	0	1	1
Ítalo Arnaldo Tronca (UNICAMP)		0	1	0	0	1
Jorge Sidney Coli Jr (UNICAMP)		0	1	0	0	1
José Costa D'Assunção Barros (USS)		0	0	1	0	1
Lina Maria Brandão de Aras (UFBA)		0	0	1	0	1
Lincoln de Abreu Penna (USS)		0	1	0	0	1
Ludmila de Lima Brandão (UFMT)		0	0	1	0	1
Luiz Carlos Tau Golin (UPF)		0	0	1	0	1
Jean Marcel Carvalho França (UNESP-Franca)		0	0	0	1	1
Márcia de Melo Martins Kuyumjian (UnB)		0	0	0	1	1
Marcos Antonio da Silva (USP)		0	0	1	0	1
Marcos Luiz Bretas Da Fonseca (UFRJ)		0	0	1	0	1
Margarida de Souza Neves (PUC-RJ)		0	0	1	0	1
Maria Amelia Dantes Mascarenhas (USP)		0	0	1	0	1
Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC)		0	1	0	0	1
Maria Cristina Bohn Martins (UNISINOS)		0	0	1	0	1
Maria Helena Ochi Flexor (UFBA)		0	1	0	0	1

Moisés Romanazzi Torres (UFSJ)	0	0	0	1	1
Nanci Leonzo (USP)	0	0	1	0	1
Nísia Verônica Trindade Lima (FIOCRUZ)	0	0	1	0	1
Paulo Duarte Carvalho Amarante (FIOCRUZ)	0	0	1	0	1
Rachel De G. Fróes Da Fonseca (FIOCRUZ)	0	0	0	1	1
Regina Célia Lima Xavier (UFRGS)	0	0	1	0	1
Renata Palandri Sigolo Sell (UFSC)	0	0	1	0	1
René Ernani Gertz (PUC-RS)	0	0	1	0	1
Ruth Maria Chittó Gauer (PUC-RS)	0	0	1	0	1
Tânia Navarro Swain (UnB)	0	0	1	0	1
Uyguaciara Veloso Castelo Branco(UFPB-JP)	0	0	1	0	1
Valmir Francisco Muraro (UFSC)	0	0	1	0	1
Vânia Leite Fróes (UFF)	0	1	0	0	1
Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)	0	0	0	1	1
Yvone Dias Avelino (PUC-SP)	0	0	0	1	1
Zilda Marcia Gricoli Iokoi (USP)	0	0	1	0	1
Zilda Maria Menezes Lima (UECE)	0	0	0	1	1
TOTAL	1	12	55	20	88

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3 - Distribuição considerando orientador (a) – IES e a década de produção

A tabela 3 é interessante para a visualização de quem são os profissionais da história (ou de áreas afins) que tem orientado dissertações e teses na área. Estes números, sem dúvida, reproduzem a distribuição que se viu anteriormente em relação as IES nas quais se localiza a produção, destacando-se assim profissionais ligados ao PPG em História das Ciências e da Saúde, como Cristiana Facchinetti. Por outro lado, permite visualizar no conjunto dos profissionais ligados aos PPGs quais os que efetivamente orientam na área, bem como, questão possível de ser visualizada apenas com a leitura dos trabalhos (ou mesmo dos resumos) como, em vários casos, os trabalhos orientados na área em análise cruzam problemáticas diretamente ligadas a estas, com problemáticas de interesse dos orientadores, que são marcantes em suas trajetórias acadêmicas (o que pode, por exemplo, ser visualizado em seus currículos). Encontra-se assim, orientadores/as com tradição em pesquisa sobre escravidão no Brasil, como Regina Xavier (UFRGS), que orientou a dissertação "E aqui enloqueceu: a alienação mental na Porto Alegre escravista (c.1843-c.1872)", de Ricardo de Lorenzo. Ou outros/as, com uma produção vinculada aos estudos sobre as mulheres e as relações de gênero, que acabam por atrair e/ou influenciar estudos que centram-se nestas questões ao estudar problemáticas do campo temático da história da loucura e da psiquiatria,

como meu próprio trabalho, "Louca pela vida: a história de Pierina", ou o de Juliana Suckow Vacaro, "A construção do moderno e da loucura: mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929 - 1944)", ambos orientados por como Maria Odila L. da S. Dias (USP/PUCSP), uma autora reconhecida no campo dos estudos feministas.

IES	Década defesa	1990 a 1999	2000 a 2009	2010 e 2011	TOTAL
UFBA		0	2	0	2
UnB		0	0	1	1
UFG		0	0	1	1
UFU		0	4	0	4
UFSJ		0	0	1	1
UFMT		0	1	0	1
UFPB-J.P.		0	1	0	1
UFPE		0	1	1	2
UFPR		0	3	0	3
UFF		0	1	0	1
UFRGS		0	5	2	7
UNISINOS		0	1	0	1
UFSC		0	4	0	4
UNICAMP		4	2	0	6
UNESP-Franca		0	0	1	1
PUCSP		0	1	1	2
FIOCRUZ		0	8	8	16
UECE		0	0	1	1
USP		0	4	1	5
PUCRJ		0	1	0	1
UNIOESTE		0	0	1	1
TOTAL		4	39	19	62

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 4 - Distribuição considerando a disponibilidade *online* por década e IES

IES	Década defesa	1980 a 1989	1990 a 1999	2000 a 2009	2010 e 2011	TOTAL
UFBA		0	1	1	0	2
UnB		0	0	1	1	2
UFMG		0	0	1	0	1
UFCEG		0	0	1	0	1
UFPE		0	0	1	0	1
UFF		0	2	1	0	3
USS		0	1	1	0	2
UFRGS		0	2	1	0	3
PUC-RS		0	0	2	0	2

UPF	0	0	1	0	1
UFSC	0	1	0	0	1
UNICAMP	0	1	0	0	1
UNESP-Franca	0	0	1	0	1
PUC-SP	1	0	1	0	2
UFRJ	0	0	1	0	1
PUC-RJ	0	0	2	0	2
TOTAL	1	8	16	1	26

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 5 – Distribuição considerando a indisponibilidade *online* por década e IES

Como se pode observar nas tabelas 4 e 5, dentre os 88 trabalhos encontrados, 62 estão disponíveis online. Tal disponibilização é incrementada a partir dos anos 2000, especialmente após a obrigatoriedade estabelecida pela Portaria nº 013 - CAPES (15/02/2006), assim os programas criados a partir de então década, disponibilizam a maioria dos trabalhos. O único trabalho defendido na década de 1980-89 não está disponível online; quanto aos trabalhos defendidos na década de 1990-99 a maioria ainda está indisponível. Porém, o que se tem observado é que parte significativa dos programas tem se esforçado em disponibilizar sua produção online, neste sentido, fazendo chamadas aos ex-alunos para que disponibilizem seus trabalhos para publicação. Por outro lado, percebe-se que muitos trabalhos defendidos já nas décadas mais recentes não estão disponíveis para acesso virtual, o que é motivado por diferentes questões que se pode observar ao longo da pesquisa; ou ainda, que o programa não disponibiliza nenhum dos seus títulos nos próprios sítios eletrônicos, indicando a busca nas bibliotecas virtuais. Nestas, por vezes, as dissertações e teses estão disponíveis, porém com acesso restrito aos usuários das referidas bibliotecas (como professores e alunos).

Dissertações	1980 - 1989	1990 - 1999	2000 - 2009	2010 e 2011	Total
loucura	0	4	18	8	30
mental	0	3	9	2	14
Hospital	0	2	3	2	7
psiquiátrica	1	1	3	2	7
saúde	0	0	7	0	7
Hospício	0	1	4	1	6
alienados	0	1	1	3	5
assistência	0	0	3	2	5
estudo	0	1	3	1	5
medicina	0	1	3	1	5

psiquiatria	0	1	3	1	5
Teses	1980 - 1989	1990 - 1999	2000 - 2009	2010 e 2011	Total
loucura	1	4	2	7	14
Brasil	0	5	0	5	10
psiquiatria	0	3	2	5	10
médicos	0	3	1	4	8
corpo	0	2	1	3	6
discursos	0	2	1	3	6
historia	0	2	1	3	6

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 6 - O que expressam os títulos

Considerando-se os títulos das teses e dissertações produzidas no intervalo temporal delimitado, como mostra a tabela 6, observa-se que a maioria delas expressa nestes seu vínculo com a história da loucura e da psiquiatria através de certas palavras que repetem-se como mais frequência. Em relação as 67 dissertações, destacando-se as palavras referidas, igual ou mais que 5 vezes, observa-se que: a palavra loucura é a mais citada (30 vezes), seguida da palavra mental (14 vezes) que nos títulos vem acompanhada sempre de outras palavras, como saúde (5), doença (3), higiene (2), sofrimento (1), desordem (1), medicina (1), alienação (1), formando expressões. As palavras Hospital (7 vezes) e Hospício (6 vezes) são acompanhadas em geral de um nome próprio, como: Hospital Colônia de Barbacena, Hospital de Clínicas da UFU, Hospital Colônia Santana, Hospital Psiquiátrico Pinel de Pirituba, Hospital Filadélfia de Marechal Cândido Rondon (cada um com uma citação) e ainda hospital de alienados e hospital geral, ou Hospício São Pedro (2), Hospício Nossa Senhora da Luz, Hospício Nacional de Alienados, Hospício de Diamantina, Hospício de Pedro II.

O termo, psiquiátrica (7 vezes citado) também surge acompanhado das palavras reforma (2), assistência (2), institucionalização, instituição, internação; o termo assistência, que acompanha a palavra psiquiátrica (2), como se viu, também aparece vinculada as palavras ‘em saúde mental’ ou ‘a alienados’, ou ainda sozinha; o termo medicina, surge sozinho (3) ou acompanhado das palavras mental (já citado) e Faculdade; a palavra alienados surge sozinha ou acompanhada das palavras Asilo de, hospital de, Hospício Nacional de (já citado). O termo psiquiatria surge em geral nomeando a ciência/saber e seu desenvolvimento no país

ou em um estado da federação (RJ ou RS), sua especialidade (para a infância) ou sua atuação em questões como a relação loucura e assassinato;

Dentre as palavras que foram referidas 5 ou mais vezes nos títulos encontram-se ainda as palavras: estudo referindo-se em geral a ‘estudos de caso’); Rio (referindo-se a estudos centrados nos estado do Rio de Janeiro – 7, ou Rio Grande do Sul – 2); São (composta com nomes próprios como São Luis, São Vicente de Paula, São José de Moutiers, São Pedro – 2 ou ainda a um nome simples, como ‘corpo são’); e século (anunciando o recorte temporal dos trabalhos: XX – 3 e XIX – 2).

No caso das 21 teses há pouca repetição de palavras no título. Destaca-se, portanto, as que aparecem mais ou igual a 3 vezes: loucura (7), Brasil (5), psiquiatria (5), médicos (4), corpo (3), discursos (3), história (3). Várias destas palavras aparecem de forma composta, como ‘história da psiquiatria’ ou ‘discursos médicos no Brasil’. Palavras como: Rio (4), São (4), Janeiro (3) e 1930 (3) aparecem nas teses, como nas dissertações, nomeando cidades ou estados da federação (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo), instituições (São Vicente de Paula, São João de Deos) ou indicando o limite inicial ou final de recorte temporal.

Tanto em relação as dissertações quanto as teses há indicação do recorte temporal nos títulos de grande parte dos trabalhos: 78 referências a anos ou séculos (dentre 480 palavras), nos títulos de dissertações; 28 (dentre 202 palavras), nos títulos da teses, o que evidencia uma característica do método historiográfico, ou seja, a atenção a temporalidade (Aróstegui, 2006, p.455).

Por outro lado, com vimos, há em muitos trabalhos a indicação no nome da instituição, da cidade, do estado da federação ou do país, ou ainda do grupo, da corporação, etc., evidenciando outra marca do método historiográfico: a atenção a espacialidade.

Se as palavras que compõe os títulos dos trabalhos expressam, em geral, o vínculo com o campo de pesquisa, com lugares geográficos, instituições e temporalidades, as palavras-chave que acompanham os resumos, reafirmam tais vínculos em alguns casos, mas

apontam para uma diversidade de questões que circunscrevem as especificidades das problemáticas trabalhadas em cada dissertação ou tese.⁸

Assim, num conjunto de 324 palavras-chave vinculadas aos 88 trabalhos as que mais se repetem são: loucura (29), psiquiatria (20), história (16), saúde mental (11), medicina (6), doença mental (5), espiritismo (4), eugenia (4), gênero (3), suicídio (3), cidade (3)⁹, história da psiquiatria (3), hospitais psiquiátricos (3), hospício (3), reforma psiquiátrica (3) e saúde (3).

As demais palavras ou expressões, referidas uma ou duas vezes nos trabalhos, expressam especificidades, uma das marcas da prática historiográfica interessada na singularidade do devir. Nestes casos: 1) indicam espacialidades, demarcando lugares geográficos dos eventos ou processos: Diamantina, Maranhão, Campina Grande, Oeste do Paraná, Ceará, Bahia, campo psiquiátrico mineiro, colônia italiana...¹⁰; 2) nomeiam instituições estudadas: Asilo São João de Deos, Colônia Santana, Casa de Correção, Hospital Filadélfia, Museu de Imagens do Inconsciente...; 3) nomeiam sujeitos que tem suas obras ou constituem-se eles mesmos em objeto de estudos: por um lado, sujeitos específicos, como os escritores Lima Barreto e Érico Veríssimo, o psiquiatra e político Dyonélio Machado, o médico e psicanalista Sigmund Freud, o pintor Hieronymus Bosch, o teólogo e humanista Erasmo de Rotterdam¹¹; por outro, sujeitos genéricos ou coletivos – pelo menos num primeiro momento –, como os usuários de serviços de saúde mental, veteranos de guerra, mulheres, Brigada Militar, Liga Brasileira de Higiene Mental...; 4) indicam, ao mesmo tempo, as fontes

⁸ É importante observar que utilizamos, no banco de dados, preferencialmente as palavras-chave visualizadas nos trabalhos completos; quando estas não constavam ou quando não se teve acesso aos trabalhos completos, utilizou-se as palavras-chave que acompanham os resumos no Banco de Teses da CAPES; excepcionalmente, quando não constavam em nenhum destes instrumentos, as palavras-chave foram construídas com base nos resumos disponíveis (ou nos trabalhos ou no Banco de Teses).

⁹ Além da palavra gênero, a expressão relações de gênero aparece 2 vezes; e as palavras mulher e mulheres, uma vez cada. Se somadas podem indicar uma tendência, ou seja, o recorte de gênero presente nas pesquisas. Também a presença de palavras como espiritismo, eugenia, suicídio e cidade, indica alguns dos temas mais privilegiados pelos autores, em meio a muitos outros.

¹⁰ Interessante que nas palavras-chave os lugares geográficos Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, bastante evidenciados nos títulos, não aparecem (RJ e SP) ou são citados apenas uma vez (RS). Outros lugares como os citados acima são evidenciados.

¹¹ A exceção de Lima Barreto, cuja pessoa (porque internada como louca em uma instituição psiquiátrica) e a obra são objeto de interesse, nos demais apenas a obra é considerada, em geral, como meio de apreensão das representações da loucura.

privilegiadas, a metodologia e o objeto principal da análise: biografia, história oral, memória, narrativas da loucura, contos, literatura, expressão artística de alienados, cinema...; 5) marcam recortes temporais: século XIX, guerra do Paraguai, primeira república, primeira guerra mundial, regime militar...¹²; 6) existe ainda um conjunto de palavras que indicam relações entre o que é, em geral, o tema central – a loucura e/ou a psiquiatria –, com temas correlatos que constroem as problemáticas: as relações entre alcoolismo-loucura, crime-loucura, raça-loucura, religião-loucura, gênero-loucura, geração-loucura; as práticas de controle social; relações entre saberes (psiquiatria, direito, psicologia...); a construção de categorias diagnósticas; as políticas de saúde e assistência e as legislações pertinentes; as relações entre saber psiquiátrico e Estado; os movimentos sociais; a perspectiva cultural..., entre outras.

3. A produção brasileira: um diagnóstico provisório sobre seus itinerários

A análise bastante superficial apresentada, como base nos títulos e nas palavras-chave indicadas pelos autores, revela uma diversidade de preocupações e proposições dos trabalhos, e permite algumas inferências imediatas pela própria visualidade dos dados

Há uma clara preferência pelo uso do termo ‘loucura’ nos trabalhos: aparece nos título de 37 dos 88 trabalhos, 29 vezes como palavra-chave e é referida 99 vezes nos resumos. Este termo, ao que parece, é considerado mais amplo, genérico ou abrangente – do que as expressões ‘alienação’, ‘doença mental’ ou ‘saúde mental’ –, para nomear uma diversidade de percepções, comportamentos e ações, expressas por diferentes sujeitos (médicos, loucos, agentes públicos, famílias...), que em diferentes temporalidades históricas e espacialidades ganham nomeações diferentes e cuja historicidade é marcada.

A presença dos termos psiquiatria, medicina, psiquiátrica, médicos, discursos, bem como dos termos Hospital, Hospício e assistência, dentre os mais utilizados nos títulos dos trabalhos aponta para a centralidade das temáticas consideradas tradicionais no campo, como

¹² Presença marcante nos títulos, os anos e séculos, não o são quando se visualiza as palavras-chave. Nestas, como se vê, outros recortes temporais (ligados a periodizações estabelecidas para a história nacional brasileira ou história mundial) são indicados para situar os trabalhos. A referência aos anos e séculos volta a ter presença marcante nos resumos dos trabalhos.

a da constituição do pensamento médico e a história das instituições de assistência e do saber psiquiátrico.

Considerando-se a referência ao recorte temporal nos títulos dos trabalhos¹³, bem como a própria temporalidade da sua produção (as décadas já indicadas), é possível testar a periodização proposta por Lima e Furtado (2010, p. 576) agrupando-se os trabalhos examinados em “três grandes períodos relacionados à construção dos modelos de atenção à saúde mental no Brasil: 1) do início do período colonial até 1889 – período de instalação das primeiras instituições de alienados no Brasil; 2) entre 1890 e 1966 – período de constituição e consolidação da Psiquiatria no país; 3) de 1967 até os dias de hoje – período em que surgem as discussões sobre a assistência nos hospitais psiquiátricos públicos e que se implementa a reforma psiquiátrica.”

Assim temos o seguinte quadro: entre os trabalhos produzidos nas décadas de 1980-1989, não há menção ao recorte temporal no título do único trabalho desta década; entre 1990-1999, apenas cinco dos 12 trabalhos desta década apresentam os recortes temporais em seus títulos, sendo estes bastante diversos e não coincidentes: um se situa no 1º período (1800); dois situam-se no 2º período (1896-1927, 1920-1930); um no 3º período (1970-90); outro não se enquadra em nenhuma das categorias por estabelecer um lapso cronológico que engloba períodos relativos a mais de uma delas (1830-1930); entre 2000-2009 há uma diversidade muito grande nos recortes apresentados, apenas por 36 dentre os 55 trabalhos produzidos nesta década: seis trabalhos, ou 16,7%, situam-se no 1º período; 20 trabalhos, ou 55,5%, situam-se no 2º período; cinco trabalhos, ou 13,9%, situam-se no 3º período; e outros cinco trabalhos, ou 13,9%, não se enquadram em nenhuma das categorias por estabelecerem lapsos cronológicos que englobam períodos relativos a mais de uma delas; de 2010 a 2011, três trabalhos, ou 18,75%, situam-se no 1º período; onze trabalhos, ou 68,75%, situam-se no 2º período; nem um situa-se no 3º período; dois, ou 12,5%, não se enquadram em nenhuma das categorias por estabelecerem lapsos cronológicos que englobam períodos relativos a mais de uma delas.

¹³ A análise mais pormenorizada dos trabalhos poderá indicar mudanças nesta observação.

Uma preocupação crescente em estabelecer os marcos cronológicos e espaciais dos trabalhos busca talvez evitar anacronismos frente a crítica historiográfica sobre as generalizações que marcaram outras épocas e a redução da escala (micro-história) característica marcante da produção historiográfica contemporânea em geral, e da história da loucura e da psiquiatria em particular (HUERTAS, 2001; SACRISTÁN, 2005; VENÂNCIO; CASSILIA, 2010)

Há uma concentração dos trabalhos no 2º período delimitado por Lima e Holanda (2010), com também verificado pelos autores em sua análise. Porém, muitos trabalhos extrapolam esta periodização fixa por anos, demonstrando uma questão já sabida pelos historiadores: que os processos específicos de lugares diferentes não se enquadram exatamente nas periodizações duras, também as especificidades e variabilidades de eventos que guardam alguma similaridades (como a construção de instituições, por exemplo) não correspondem estreitamente aos quadros dos modelos teóricos de atenção a saúde mental. Testei a proposição de periodização de Lima e Holanda, mas é possível estabelecer outras periodizações para os dados que obtive.

Houve dificuldades, no escopo deste trabalho, em discutir várias questões que a análise qualitativa dos trabalhos, ainda em andamento, vem apontando. Porém, procurei enunciar algumas percepções, que os dados apresentados apontaram, como os lugares da produção, as temporalidades privilegiadas, os temas privilegiados.

Não foi possível ainda identificar a inscrição dos autores num campo disciplinar, ou seja, sua formação acadêmica de base (e seus vínculos profissionais atuais – professor de ensino superior, profissional da rede de atendimento em saúde, outros...), ainda que a vinculação institucional dos trabalhos (curso, instituição) tenha sido observada já no recorte proposto.

Referências Bibliográficas

ARÓSTEGUI, J. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006.

CHALHOUB, S.; MARQUES, V. R. B.; SAMPAIO, G. R.; GALVÃO SOBRINHO, C. R. (orgs.). *Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

HOCHMAN, G.; ARMUS, D. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e no Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

HUERTAS, R. Historia de la Psiquiatria, ¿Por qué?, ¿Para qué? Tradiciones Historiográficas y Nuevas Tendencias. *Frenia*. Revista de Historia de la Psiquiatria, v.I, n. 1, p. 9-36, 2001.

LIMA, A. A.; HOLANDA, A. F. História da psiquiatria no Brasil: uma revisão da produção historiográfica (2004-2009). *Estudos em psicologia* (UERJ), ano 10, n. 2, p. 572-595, 2º quad. de 2010.

MACHADO, R. et. al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. C. *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. v.2.

Revista Brasileira de História, v. 21, n. 41, 2001 (Dossiê Ciência e Sociedade).

SACRISTÁN, C. Historiografía de la locura y de la psiquiatria e México. De hagiografía a la historia posmoderna. *Frenia*. Revista de Historia de la Psiquiatria, v.V, n. 1, p. 9-33, 2005.

STAGNARO, J. C. Evolución y situación actual de la historiografía de la psiquiatria en la Argentina. *Frenia*. Revista de Historia de la Psiquiatria, v.VI, n. 1, p. 7-37, 2006.

VENÂNCIO, A. T. A; CASSILIA, J. A. P. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. *Espaço Plural*, ano XI, n. 22, 1º. Sem. 2010, p. 24-34.

WADI, Y. M.; SANTOS, N. M. W. (orgs.). *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: EDUFU, 2010.